

Entrevista com o Babalorixá Valdemiro de Xangô em 18 de dezembro de 2006, com participação do Filho de Santo e Presidente da casa Célio. Terreiro Santo Antonio dos Pobres Ilé Asé Baru Lepé, localizado na Rua Sion, Lote 07 – Parque Fluminense, Duque de Caxias – RJ cep. 25041-270, tel. (21)2673-5515/9751-0737 CNPJ Nº 07.663.521/0001-78

1º Parte

Márcia – Qual seu nome inteiro?

Valdemiro de Xangô – Valdemiro Costa Pinto.

M – Conhecido como:

VX – Baiano de Xangô .

M – Qual a data de nascimento?

VX – 13 de dezembro de 1928, fiz quarta feira 78 anos.

M – Quando foi a fundação da casa aqui?

VX – A data não me lembro, mas tem... mais de 50 anos, perai, foi antes da revolução de 64, eu já morava aqui.

Célio – próximo a essa data foi a primeira posse da diretoria, mas a casa foi aberta antes.

M – Qual o nome do terreiro?

VX – Terreiro Santo Antonio dos Pobres Ilé Asé Baru Lepé.

M – O senhor é nascido onde?

VX – Sou bahiano, nascido em Salvado, na rua da Graça (bairro São Pedro).

M – Qual a relação do terreiro com a comunidade?

VX – Aqui, depois que começou, nós arrumamos uma sexta básica pros pobres, ajudamos muita gente.

M – E a relação de respeito?

VX – todo mundo me respeita, eu sou aqui o “monarco” da terra.

M – Os Filhos de Santo são da comunidade?

VX – Uns são daqui, outros são de Niterói, outros do Rio de Janeiro, todo canto tem.

M – O senhor quando veio para cá já tinha sido feito na Bahia?

VX – Eu fiz santo em Salvador, no axé de Ketu (Oloroquê) e fiz as obrigações na casa de mãe menininha, mas aí a chuva e a trovoada derrubou e caiu tudo. (começou no Efon e terminou no Ketu).

M – O senhor veio para cá para morar nesta casa, para montar o axé, como é que foi?

VX – Morava na cidade. Morei na Presidente Vargas, depois 7 de setembro, depois aluguei uma casa no morro do Cristo, mas no final hoje moro aqui.

M – Existem Filhos de Santo do senhor que já tem outros terreiros, axés, pessoas conhecidas?

VX – Vários! Vários.

Célio – O nome dele é uma referência no candomblé, os filhos vão abrindo suas casas e vão ficando conhecidas basicamente pelo nome dele. Ele tem um monte de filhos de Santo, em São Paulo, Curitiba, Estados Unidos, muita gente.

M – Tem o número pra ter uma ideia atualmente, ou de que frequentam a casa.

VX – Cada festa que tem vem um bucado diferente, uns não podem vir e vem outros no lugar.

Célio – a gente perde totalmente a noção, mas são uns 800 mais ou menos durante o ano todo. Temos muitos irmãos de santo e amigos.

VX – O Célio é um deles, conto tudo com ele (braço direito), nós além de sermos pai de santo e filho de santo, somos amigos.

M – o senhor quando veio pra esta casa como era o lugar.

VX – isso aqui não tinha nada, era um matagal puro. Eu comprei o terreno por 80 milréis, depois 80 milréis, e o lado de lá mais 300, botei gente pra trabalhar e pau, pau, pau, construí o barracão, depois botei os tijolos.

M – o senhor tem ideia do tamanho do terreno?

VX – Vamos fazer a conta, o de lá tem 7 de frente e 7 de fundo (49 m²), o de baixo a mesma coisa, o de cá é mesma coisa e o dali é mesma coisa, (4 x 49m² = 196m² aproximadamente segundo o relato).

M – Tem filho de santo que mora em casa aqui no terreiro?

VX – Tem, e tem na roça também.

M – Quantas casas têm aqui além da sua que é a do barracão?

VX – Lá em cima tem alguns aí que são sobrados nesta casa (sobre a casa grande ao lado do barracão). Ali em cima tem uma casinha, atrás desse barracão tem um casarão que eu fiz pra Xangô e eu moro lá de favor (rs).

Aquela lá é de Ogun, já morei lá de favor também, mas agora já dei pra todos eles tomarem conta.

M – E sobre as festas de calendário no decorrer do ano?

VX – Deixa eu fazer a conta... na primeira semana de Janeiro é Oxalá, em Abril começa Ogun e depois Omolú. ...O último sábado de Janeiro é Oxossi. Essa semana tem de Oxún. Junho tem a fogueira de Ayrá (é uma qualidade de Xangô mas não é o mesmo, Xangô é Xangô e Ayrá é Ayrá, Ayrá é filho de Yerasã do pai de Xangô, segundo seu Valdemiro). Tem a fogueira, no outro dia é Xangô e no domingo é Olorokê, que é o nome da nação que eu fiz Santo. Olorokê mora comigo, quando o pé de árvore caiu em cima da casa e derrubou tudo, eu aproveitei Olorokê com o casa deste tamanho, Omolú e Xangô estão comigo.

Célio – São os Santos da casa. Quando a árvore caiu sobre a casa, ele trouxe os santos pra cá pro Rio de Janeiro. Esses assentamentos são importantes também para a história do Efon.

M – Aqui por perto tem outros barracões e terreiros?

VX – Tem, ali em baixo tem outro (no bairro do Pantanal).

M – Como é que vocês fazem nas festas, vocês fotografam, tem algum registro?

C – Têm, a gente esta tentando resgatar essas fotos, com as pessoas mais velhas, porque para o tombamento é importante também.

VX – Tem um álbum no meu quarto.

M – Você tem idéia de quantas Ekedys e quantos Ogãs tem no centro?

VX – Umas dez Ekedys e uns dez Ogãs, mas tem dia que não vem nenhum.

M – E sobre os cargos, quantos têm na casa?

VX – Cada um tem seu nome e seu cargo: Ogã Yabê, Iaxogun, Apogân, Iperin, Otuiperin. Ekedys tem Yarobá, Yapemin, Yadagã, Yabassê, Yasingé, Otunyadagã, Ossidagã, Otudogã, Olopondá, Ibaboódé, Elemaxó, Ocórincâ, Ibabaedê, Babaebé, Iaebe, Olubeja, Odueperin, Babaigema.

M – O senhor pode contar um pouco de sua história?

VX – Fiz 63 anos de Santo, fui feito menino na Bahia, com 15 anos. Meu Pai de Santo foi Cristóvão e a mulher dele que me iniciaram no Oloroquê e que me tornou camarinha, mas todos já morreram, só sobrou eu pra contar história. Entrei num barco de quatro, Ogun, Omolú, Xangô e Oxún, morreu todo mundo e só ficou eu.

M – O senhor quando veio pro Rio já tinha quanto tempo de Santo?

VX – Já tinha uns 4 anos. Eu freqüentei muito a casa do Joãozinho da Goméia. O meu Pai de Santo daqui morava no bairro do lado ali (Pantanal), mas eu não me dava muito com ele e não combinava, daí eu peguei e foi fazendo isso aqui. Fui fazendo, fazendo, sem ninguém me ajudar, botando tijolo por tijolo, tudo que eu ganhei aqui eu investi aqui. Eu tinha uma pensão na Presidente Vargas (de comida). Tudo foi construído com o meu suor. Hoje se eu faço um trabalho (cortar cabelo) e vou ganhando um pouco, eu vou botando tudo aqui. Se eu morrer amanhã eles tem que contar com isso.

M – Tem na sua historia ou sua estrutura algum dos filhos de Santo que tenha o cargo de herdar suas obrigações?

VX – Tem, meu neto.

M – Quem é naquele quadro em cima da porta?

VX – Ele homenageia Jaguna. É minha mãe de santo hoje, mãe Carmem. É a mulher que eu escolhi pra mim, boa, minha amiga (Mãe Carmem de Oliveira do Quantuá).

M – Tem mais histórias que o senhor pode contar? Do terreiro, das pessoas.

VX – Inorazinha de Xangô, conheci muito, Mãe de Santo aí no Pantanal. Conheci Dona Dila, Issila Bebé, Sangogó Iansã, que era Ogã e virou Pai de Santo. Deixa eu ver quem mais, “Moãozio” da Paumira! Jogava muito bem, quando chegava 5 horas da manhã, ele tomava banho depois saía pela vida de cabo a rabo jogava são e com bebida, que mão era aquela. O Agenor eu fiz a obrigação dele quando ele morreu, a mando de Mãe Estela do Opó Afonjá, eu que encomendei o corpo dele (fez a obrigação do falecimento do prof. Agenor, encomendou o corpo: Oxêxê), foi feito na Bahia no Opó afonjá. Muito minha amiga aquela senhora, me dou muito bem com ela, tem um coração muito bom. Respeito ela como Mãe de Santo e ela gosta de conversar comigo (Mãe Estela do Opó Afonjá). O Joãozinho da Goméia tinha casa em São Paulo, a filha dele ficou no Rio mas a casa esta lá caída.

M – E a Dalva de Alaketo?

VX – Eu conheci essa senhora, mas achava ela muito “rústica”. Conhecia irmã Biata de Iemanjá, muito boa, muito educada.

M – O senhor tem relação com outros terreiros de outras nações?

VX – Eu tenho contato a muito anos com Paulo da Baguna, me dou muito bem, menina Amerlinda.

M – Da Tumba Jussara o senhor conheceu a Gidey?

VX – Conheci a Juana de “Puburá”, os outros já morreu todo mundo, mas eles continuaram.

M – O senhor conheceu a Omindarewá?

VX – Conheço, eu vi ela fazer santo, na Goméia, muito educada, fina, limpa nas ações dela. Vocês precisam ir lá no Ícaro de Oxossi, de Niterói.

M – Conte um pouco mais da sua história.

VX – Já tive três derrames, cinco pneumonia (outras doenças relativamente graves) e trabalho, jogo búzios, faço ebó, viajo.

M – O senhor sai pra fazer essas coisas?

VX – Saio, viajo, se eu ficar parado eu passo mal. Não vou morrer agora em!

M – Aqui no terreiro tem muitas folhas que vocês usam ou vocês buscam fora daqui?

VX – Aqui o mato cresce muito, então de vez em quando vem e corta tudo. Tem o dendê vivo, cajá (e outras), mas você sai aí todo canto acha.

M – Vocês tem a planta da casa e do terreno?

C – Tem, uma esta na mão da arquiteta. A gente esta precisando fazer esse levantamento pro tombamento, então chamamos uma arquiteta pra fazer o levantamento. Ali é o quarto de Omolú, que esta concertando. Ali tem as acomodações, onde os filhos de Santo se acomodam, é um outro pavimento, tem quartos ali pra trás, entendeu, tem a cozinha do candomblé, esta tudo assim nessa área de lá (à direita do barracão). Lá em baixo tem a casa de Oxossi que esta completando, tem o pé de Iroco. Aqui a gente tem o salão, tem outra cozinha lá trás.

VX – Tem a casa lá em cima, que a cozinha é desse tamaninho, tem meu quarto, o salão do dono da casa.

M – Sobre as datas, o senhor veio pro Rio com 4 anos de Santo (1947, 59 anos atrás).

VX – E fui direto pra Goméia. Quando eu vim pra aqui... ela veio pra casa no morro do Cristo.

C – Ele esta falando da segunda filha de santo, do segundo barco. O segundo barco (a segunda iniciada dele) acabou de sair daqui agora, ela tem 55 anos de santo. O primeiro iniciado já faleceu, chamava-se "Globalto" e é um ano mais velho (56 anos de Santo). O segundo barco dele é a mãe mais antiga daqui.

M – A próxima festa?

VX – É na primeira sexta-feira de Janeiro (interna): águas de Oxalá, mas no primeiro domingo pode vir que é aberta ao público, às 17h. A de Oxossi começa meia noite e acaba as 6h, no último sábado de Janeiro.

2º Parte

Entrevista com Célio mostrando o lugar:

Célio – Este é o salão para as festividades de Ogun (logo abaixo da casa de Omolú que esta em reforma). Aqui em baixo é a casa de Oxossi (parte mais baixa e final do terreno, esta desativada há um tempo, coberta de mato), ela será ativada em Janeiro. Esta é a arvore de irôco (próxima à casa de Oxóssi), tem a jaqueira e o irôco.

Esses espaços estão sendo preparados para Janeiro (parte de baixo do sobrado, prédio ao lado do do salão principal, conta com copa e cozinha grande e quartos relativamente grandes). A cozinha não esta funcionando, só a de cima. É praticamente uma outra casa, tem quartos, banheiros e tem toda a parte de cima também (todo o sobrado).

M – Aqui é para acomodação?

C – Sim (local para receber as pessoas), lá em cima têm outros quartos, mas não vamos porque a filha dele esta acomodada lá. Mas esta extensão toda são as dos quartos lá em cima. Então é aqui que os filhos de santo ficam acomodados (todos os quartos estavam vazios). Nós vamos para uma outra parte agora, que é um outro pavimento lá em cima (salão principal).

C – Aqui é o salão (salão principal), ali ficam os quartos dos santos (parte traseira do salão, passa duas cozinha e uma sala). Aqui que é a sala de Xangô (última sala deste prédio) e ali é o santo dele, os encantamentos dele. Esses santos são da nação de Ketu.

3º Parte

Seu Valdomiro de Xangô e Célio.

C – O Márcia, um dos maiores sonhos do meu pai, que Deus não o chame agora por que ele vai viver muitos anos se Deus quiser, é fazer o tombamento deste terreiro, a gente tem esta necessidade, trabalhar em prol disso.

M – Quanto mais documentos vocês tiverem respaldado, mais fácil vai ser.

VX – A gente pede aos Orixás. Eu amo os canto de candomblé, tudo que eu tenho foi o candomblé que me deu...

M – Sobre as datas das obrigações?

VX – A ultima obrigação que eu fiz foi a 12 anos atrás, e a obrigação de Filho de Santo eu fiz no “Afon”.

M – E a associação?

C – A primeira foi fundada em 1972 e depois foi fundada uma outra.

M – E qual a finalidade?

C – Primeiro para registrar (e tudo que for preciso) e depois, para os projetos, que temos milhões. Tentar fazer aqui um espaço de utilidade pública, pois também existe um tombamento municipal.

M – E a associação recebe alguma doação?

C – Não, nada, só cesta-básica. Para ter algum vínculo de doação por parte de instituições, é necessário o título de utilidade pública primeiro.